

Entre o domínio algorítmico e o posicionamento político

OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS e conseqüentemente a área de estudos da Comunicação são afetados ora por tecnologias e meios emergentes e insurgentes, ora pela reconfiguração da própria comunicação, no seu sentido mais amplo, abordando formas de comunicar e seus impactos na sociedade. Nos últimos anos, um fenômeno mereceu bastante atenção, criando uma profunda perturbação na forma como a sociedade se comunica, nomeado de fake news. Atualmente, é o rápido avanço no desenvolvimento da Inteligência Artificial que tem sido acompanhado por diversas pesquisas, com diferentes enfoques, e não é diferente entre os pesquisadores de nossa área. De certa forma, o uso político tem amalgamado esses dois fenômenos comunicacionais – fake news e Inteligência Artificial – e exigido novas reflexões e análises. Entre um e outro, redobra-se a ainda necessária defesa da democracia.

Esse movimento atento está refletido nos artigos da seção *Dossiê* que abrem esta edição de *MATRIZES*. Começamos com um texto inédito de Ciro Marcondes Filho, revisado por Vitor Blotta, que apresenta as bases teóricas e factuais do projeto “Tragédias Políticas”, que o professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) havia iniciado em 2019, e que infelizmente foi interrompido com seu falecimento em novembro de 2020. Com o título de “Tragédias políticas: Um problema da comunicação”, ele trata do problema da verdade e da informação confiável a partir de um diálogo com Nietzsche, de como a desinformação tem sido uma estratégia política desde o nazismo, e das atuais formas de determinar comportamentos eleitorais a partir de mecanismos de engenharia psicossocial que fazem uso de notícias falsas e técnicas de *microtargeting* das plataformas digitais, como nos casos das eleições de Donald Trump e de Jair Bolsonaro. Como defende Marcondes Filho nesse projeto, muitas das questões atuais em torno das relações entre desinformação

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i1p1-4>

V.18 - Nº 1 jan./abr. 2024 São Paulo - Brasil EDITORIAL p. 1-4

MATRIZES

e democracia precisam ser enfrentadas pelas teorias e pesquisas em jornalismo e comunicação.

Na sequência, no artigo “Bandeiras nacionais e retórica política: Uma comparação semiótica entre Itália e Brasil”, Massimo Leone, da Universidade de Turim, apresenta um estudo semiótico e sociocultural das bandeiras com foco na “complexidade semântica das bandeiras na cultura contemporânea”. A parte final de seu artigo refere-se à apropriação desse objeto pelos apoiadores do ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro e a compara ao uso da bandeira italiana pelo movimento Forza Itália do ex-primeiro-ministro italiano, Silvio Berlusconi. Assim como Ciro Marcondes Filho, Massimo Leone elabora propostas para reversão dos efeitos perversos produzidos pelo mau uso da comunicação.

A Inteligência Artificial é diretamente tratada em dois outros artigos da seção *Dossiê*. Lucia Santaella e Dora Kaufman apresentam em “A Inteligência Artificial Generativa como quarta ferida narcísica do humano” a hipótese de que o desenvolvimento dessa tecnologia tem atingido a autoestima humana tal qual nos três momentos anteriores de semelhante impacto no amor próprio do humano que foram identificados por Sigmund Freud. Já André Lemos opta por uma análise “neomaterialista pragmática e não antropocêntrica” e aborda em seu artigo “Erros, falhas e perturbações digitais em alucinações das IA generativas: Tipologia, premissas e epistemologia da comunicação” como as alucinações algorítmicas de sistemas de Inteligência Artificial Gerativa podem ser de interesse para os estudos sobre a cultura digital e a atuação das mídias digitais e para a observância dos agenciamentos impactados por eventos disruptivos.

Entre esses dois artigos, o professor da Universidade Livre de Berlin, Robin Celikates, discute a relação entre democracia, esfera pública e midiativismo digital como formas de contestação e confronto político em “Públicos Digitais, Contestação Digital: uma nova transformação estrutural da esfera pública?”. Apesar da individualidade de cada artigo, neste *Dossiê*, o texto de Celikates conecta os de Santaella & Kaufman com o de Lemos, assim como esses três aos anteriores, de Marcondes Filho e Leone. A linha que os amarra está fiada por preocupações com os fenômenos incipientes e impactos políticos, espessada pela vontade de garantir boas práticas comunicacionais. Não é diferente no conjunto de artigos das outras seções desta edição e parece indicar uma tendência nos estudos da área.

A *Entrevista* desta edição traz Alejandro Grimson, professor do Instituto de Estudos Sociais Superiores (IDAES) da Universidad Nacional de San Martín (UNSAM) e pesquisador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) da Argentina, em conversa com Veneza Mayora Ronsini. Considerando a robusta obra do autor sobre cultura e sua relação com processos

políticos e sociais, bem como seu mais recente livro organizado ao redor do tema da classe média, Ronsini evidencia a importância das contribuições de Grimson para os estudos de recepção, consumo e construções identitárias.

A seção *Em Pauta* tem início com dois textos que exploram e problematizam temas que se destacam na atualidade dos estudos em comunicação. Em “Capitalismo de vigilância e lutas algorítmicas”, os autores Murilo Duarte Costa Corrêa e Giuseppe Cocco propõem notar como as perspectivas críticas em relação à cultura algorítmica, sustentadas pela observação da convergência entre extrativismo de dados e vigilância, tendem a gerar uma certa imobilidade intelectual para avançar no debate sobre este tema de máxima urgência. Já Luiz Peres-Neto, em “Sul Global: uma agenda política para pensar a comunicação?”, explora as origens, o desenvolvimento e as contradições do termo, bem como a sua institucionalização no campo dos estudos da comunicação, e em relação com o contexto do Norte Global, o que é investigado a partir de vestígios da própria trajetória pessoal do pesquisador.

Em seguimento, o texto “Publicidade contemporânea e semiótica peirceana: uma proposta metodológica”, Bruno Pompeu e Silvio Koiti Sato reforçam a importância do legado de Charles Sanders Peirce para a compreensão de linguagens de complexa potencialidade para geração de significados, tal como se mostra o fenômeno da publicidade, cujos processos comunicativos se dão de maneira cada vez mais permeada à vida cotidiana. A seção tem continuidade no artigo “A Objetividade jornalística e perspectiva de gênero: tensões e deslocamentos”, em que Jessica Gustafson e Daiane Bertassi trazem minuciosa análise da produção jornalística do *Portal Catarinas*, da região Sul do Brasil, como um estudo de caso para discutir a possibilidade de existência de uma objetividade feminista no jornalismo e as suas implicações nos processos de construção de notícias.

Na sequência, em “A teoria das representações sociais e a teoria das mediações: uma proposta metodológica de aproximação”, as autoras Yhevelin Serrano Guerin, Ângela Cristina Trevisan Felippi e Cidonea Machado Deponti exploram as conexões entre as teorias de Serge Moscovici e Jesús Martín-Barbero, propondo um mapa metodológico para auxiliar a realização de pesquisas empíricas e a organização de dados coletados em estudos de socialização, com o intuito de evidenciar e melhor qualificar os processos de mediação na constituição das representações sociais. Processos estes que, de certa maneira, são investigados no texto seguinte, de Nilton Faria de Carvalho, “Sonoridades de entremeios: fruição e rearticulações da música pop e da música popular”, que observa os jogos das mediações a partir da proposta de oficinas de escuta musical realizadas para estudantes de ensino médio, promovendo embates entre repertórios que se constituem como espaços de partilhas para novos processos de significação.

F

No próximo texto, de Viviane Borelli e Diosana Frigo, temos a retomada de um objeto de relevância perene. Em “Circulação de sentidos em reportagens sobre mortes pela pandemia no Brasil”, as autoras encaram o desafio de mapear a heterogeneidade discursiva em torno da cobertura noticiosa sobre a pandemia da covid-19 no Brasil. O artigo evidencia a identificação da complexidade dos fluxos comunicacionais como circuitos de sentidos, e o faz a partir de um relato, cuidadosamente detalhado, da metodologia aplicada para o levantamento e organização dos dados.

A seção *Em Pauta* encerra com “A Monarquia do Norte (1919) no discurso iconográfico da *Ilustração Portuguesa*”, texto de Jorge Pedro Sousa, Fátima Lopes Cardoso e Celiana Azevedo. Explorando a única revista ilustrada de um momento importante da história de Portugal, os autores discutem os alinhamentos entre poder governamental e imprensa a partir da observação do entrelaçamento entre informação e propaganda, o que é muito bem respaldado pelo rico material visual apresentado.

Na seção *Resenha*, finalizando esta edição, Jacqueline Ausier Domingues nos revela a densidade do livro “O mundo do avesso: verdade e política na era digital”, de Letícia Cesarino. A importância da obra para os estudos contemporâneos da comunicação é bem assinalada pelo texto, considerando principalmente a sua atualidade baseada na análise da recente e conturbada conjuntura sociopolítica brasileira, cujos alicerces da democracia e ciência têm suas estruturas abaladas pela influência das dinâmicas das redes digitais.

Esperamos que, mais uma vez, *MATRIZes* possa ser um canal de valorização, divulgação e reflexão para as pesquisas de nossa área. Tenham uma ótima leitura!

*Luciano Guimarães
Wagner Souza e Silva*